

“É DEVAGAR, DEVAGARINHO”: INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA COMO SUPORTE A UMA INVESTIGAÇÃO ETNOMATEMÁTICA

“É DEVAGAR, DEVAGARINHO”: THEORETICAL-METHODOLOGICAL CREATIVE INSUBORDINATION AS BASIS FOR A ETHNOMATHEMATICS INVESTIGATION

“É DEVAGAR, DEVAGARINHO”: LA INSUBORDINACIÓN CREATIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA COMO APOYO A UNA INVESTIGACIÓN ETNOMATEMÁTICA

Jéssica Lins de Souza¹
jessicalins.souza@gmail.com

RESUMO

Um dos desafios das pesquisas com Etnomatemática é o de pensar em práticas de pesquisa que não se limitem às metodologias próprias das pesquisas envolvendo a matemática acadêmica. Como alternativa para uma investigação etnomatemática com trabalhadoras/es e artistas dos barracões de carros alegóricos, fantasias e adereços das escolas de samba Os Protegidos da Princesa e Embaixada Copa *Lord*, de Florianópolis, desenvolvemos o que chamamos de “insubordinação criativa teórico-metodológica”. As ferramentas teórico-metodológicas incluíram pesquisa teórica, histórica e documental, além de um trabalho de campo que teve como foco observar, analisar e descrever criteriosamente e respeitosamente a realidade social das/os componentes, fazendo uso de conversas, entrevistas semiestruturadas, fotografias e gravações audiovisuais. Neste texto, relatamos as dificuldades encontradas para aproximação com o campo e detalhamos os procedimentos utilizados durante a investigação. Por fim, a partir do aprendizado com as/os próprias/os sujeitas/os da pesquisa, validamos as nossas escolhas teórico-metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA; ETNOMATEMÁTICA; METODOLOGIA DE PESQUISA; ESCOLAS DE SAMBA.

ABSTRACT

One of the challenges of research with Ethnomathematics is to think about research practices that are not limited to the methodologies of research involving academic mathematics. As an alternative to an ethnomathematical investigation with workers and artists that manufacture Carnival floats, costumes and props for the samba schools Os Protegidos da Princesa and Embaixada Copa *Lord*, we developed what we call

¹ Universidade Federal de Santa Catarina

“theoretical-methodological creative insubordination”. Theoretical-methodological tools included theoretical, historical and documentary research, as well as fieldwork that focused on carefully observing, analyzing and describing the social reality of the components, making use of conversations, semi-structured interviews, photographs and audiovisual recordings. In this text, we report the difficulties encountered in approaching the field and detail the procedures used during the investigation. Finally, based on learning from the research subjects themselves, we validate our theoretical and methodological choices.

KEYWORDS: CREATIVE INSUBORDINATION. ETHNOMATHEMATICS. RESEARCH METHODOLOGY. SAMBA SCHOOLS.

RESUMEN

Uno de los desafíos de la investigación con Etnomatemática es pensar en prácticas de investigación que no se limiten a las metodologías de investigación que involucran matemáticas académicas. Como alternativa a una investigación etnomatemática con trabajadoras/es y artistas de las alegorías, vestuario y utilería de las escuelas de samba Protegidos da Princesa y Embaixada Copa Lord, de Florianópolis, desarrollamos lo que llamamos “insubordinación creativa teórico-metodológica”. Las herramientas teórico-metodológicas incluyeron investigación teórica, histórica y documental, así como trabajo de campo que se enfocó en observar, analizar y describir cuidadosamente la realidad social de los componentes, haciendo uso de conversaciones, entrevistas semiestructuradas, fotografías y grabaciones audiovisual. En este texto, informamos las dificultades encontradas para abordar el campo y detallamos los procedimientos utilizados durante la investigación. Finalmente, a partir del aprendizaje de los propios sujetos de investigación, validamos nuestras elecciones teóricas y metodológicas.

PALABRAS CLAVE: INSUBORDINACIÓN CREATIVA; ETNOMATEMÁTICA; METODOLOGÍA DE INVESTIGACIÓN; ESCUELAS DE SAMBA.

ABRINDO ALAS

Devagarinho
É que a gente chega lá
Se você não acredita
Você pode tropeçar
E tropeçando
O seu dedo se arrebenta
Com certeza não se aguenta
E vai me xingar

“Devagar, Devagarinho”
Composição: Eraldo Divagar (1995)
Interpretação: **Martinho da Vila**²

² Neste trabalho, utilizaremos o “grifo black” proposto por **Angela Figueiredo** (2020), usando a formatação em negrito para destacar as contribuições de autoras/es negras/os.

Ninguém faz samba nem pesquisa só porque prefere³. São múltiplos os caminhos trilhados para elaboração de uma pesquisa ou para escrita de um texto. O início da pesquisa que apresento neste ensaio não se deu a partir de 2018, ano em que ingressei na pós-graduação, mas sim de muito antes: no momento em que me dei conta de que minhas pesquisas poderiam se aproximar daquilo que de fato importava, ou seja, a vida – ou aquilo que eu acreditava acontecer somente quando eu não estava estudando. Junto ao Grupo de Pesquisa Alteritas, iniciamos uma pesquisa que buscava unir realidades aparentemente antagônicas, de modo que a suposta rigidez da matemática se entregasse à cadência bonita do samba⁴. Esse atravessamento originou uma dissertação de mestrado (SOUZA F., 2020) que hoje se desdobra em uma pesquisa de doutorado e cujas tramas metodológicas são o foco desta escrita.

A pesquisa de mestrado teve como objetivo identificar as narrativas, códigos e práticas etnomatemáticas produzidas e compartilhadas por trabalhadoras e trabalhadores do Carnaval de Florianópolis, que produzem artefatos como carros alegóricos, fantasias e adereços das duas primeiras e maiores escolas de samba da cidade: as agremiações Os Protegidos da Princesa e Embaixada Copa Lord. Assim, andando pelos becos, ruas, ladeiras⁵ do Maciço do Morro da Cruz, berço das duas escolas, me aproximei do mundo do samba e dos estudos em etnomatemática e relações raciais – e meu coração passou de vez a tocar no ritmo do surdo de terceira.

Neste contexto, o presente texto aborda com quem e como essa pesquisa foi feita. Não se trata de um relatório, tampouco de um manual de instruções, mas de uma forma de mostrar como foi e é possível realizar uma pesquisa subversivamente responsável e que não separe matemática e subjetividade, estudo e existência, o campo de investigação e a vida da gente. Aproveitando as palavras de Ubiratan D’Ambrósio ([1999] 2001, p. 7) ao iniciar seu livro **Educação para uma sociedade em transição**, peço à/ao leitora/or⁶ que entenda que o texto é um “convite à reflexão sobre os temas que venho propondo, sem me subordinar à linearidade” e que nosso trabalho é exploratório e incompleto. Provavelmente, “muitos chegarão a dizer que meu discurso não é rigoroso” (*Ibidem*, p. 7), mas, se tem uma coisa que aprendi com a pesquisa e com nosso grupo de estudos, é que não-rigoroso é o discurso que universaliza e silencia e, definitivamente, não é isso que buscamos.

3 Adaptado da canção “O poder da criação”, composta por João Nogueira e Paulo César Pinheiro (1994).

4 Trecho da canção “Na Cadência do Samba”, composta por **Ataulfo Alves** e **Paulo Gesta** (1961).

5 Trecho do samba enredo campeão da *Protegidos da Princesa* denominado “Emoldurada pelo mar, uma história que me representa – crônica de uma cidade em transformação”, dos compositores Bira Pernilongo, Conrado Laurindo, Ricardo Abraham, Víctor Alves e Willian Tadeu (2015).

6 Neste texto, sempre que necessário e pertinente, farei a flexão de gênero, apresentando artigos, adjetivos e substantivos tanto no feminino quanto no masculino. A flexão no feminino aparecerá sempre em primeiro lugar, de modo a colocar mulheres em evidência.

COMPONENTES

Para construir nossa pesquisa, partimos de uma premissa que se apresenta já no nome dos espaços de conhecimento que nos acolheram: o entendimento de que escola de samba é sobretudo um espaço educativo, onde se desenvolvem práticas e aprendizagens, inclusive as matemáticas. Isto é, que escola de samba é escola.

Desse modo, as agremiações foram caracterizadas como um espaço educador⁷, evidenciado já na escolha do termo “escola de samba”, usado como forma de buscar aceitação das camadas mais abastadas da população e como modo de legitimar as atividades realizadas pelas agremiações e os conhecimentos ali produzidos. E, na medida em que o samba-escola se estabelece como um movimento que deixa lições para sambistas de todo o país, ensina não somente uma maneira diferente de fazer samba, mas também traz novos componentes artísticos para o cortejo de Carnaval, como roupas luxuosas, fantasias e alegorias – cujo modo de apresentação é também ensinado às/aos componentes das demais agremiações.

A relação de aprendizado estabelecida entre sambistas, trabalhadoras/es e outras/os artistas do mundo do samba fica bastante evidente em uma fala de Mestre Louro, chefe da equipe de criação de alegorias da Protegidos da Princesa. A exemplo dos sambistas que passaram a ser chamados de mestres e professores, Louro explica por que ele é chamado dessa forma:

– Eu tenho uma história muito boa, cara, no Carnaval aqui. Eu tenho um nome muito conhecido em Florianópolis. Eles costumam me chamar de Mestre Louro, porque eu pego as pessoas assim oh [apontando para mim] e costume ensinar assim. Aí a gente não tem essa arrogância de ficar com o que a gente aprende pra si mesmo, sabe? É uma coisa que a gente tem que passar pras pessoas. Não adianta você ter um dom ou ter um, sei lá, uma facilidade de trabalhar em qualquer área de trabalho, se você vai morrer e não vai ficar com aquilo, não passa pros seus filhos. Não tem humildade de uma pessoa vir perguntar e você explicar como é que funciona, como que faz. Então eu acho legal. E as pessoas começaram a me chamar de Mestre Louro em Florianópolis.

Na década de 1990, a pedagoga Cristiana Tramonte já havia constatado alguns desses processos de aprendizado em uma extensa pesquisa com as escolas de samba florianopolitanas, na qual estudou as ações educativas e o caráter pedagógico das agremiações da cidade, que, segundo a autora,

⁷ Na referida dissertação, é elaborada uma argumentação mais extensa, baseada na história da criação das escolas de samba, a partir das agremiações do Rio de Janeiro e de Florianópolis, assim como na pesquisa desenvolvida por **Cristiana Tramonte** (1996) sobre a pedagogia das escolas de samba da capital catarinense. Uma versão sintetizada dessa análise pode ser lida em **SOUZA** (2020).

se desdobra em inúmeros processos nos quais as classes populares educam-se entre si na relação com os outros a exemplo da concepção expressa pelo educador Paulo Freire: Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. Os homens [sic] se educam entre si, mediatizados pelo mundo⁸. (TRAMONTE, 1996, p. 209, grifo da autora)

Da mesma forma, Paulo Freire nos ajuda a pensar também em como a educação matemática pode se apresentar nesses espaços. De fato, para Ubiratan D’Ambrósio (2008, p. 14), a partir do momento em que a contribuição de Paulo Freire passou a ser considerada no campo da educação matemática, “os educadores matemáticos revelaram uma mudança radical de atitude”. Na esteira da discussão, Marilyn Frankenstein e Arthur Powell acrescentaram a contribuição de Paulo Freire às discussões em etnomatemática – campo de estudos inaugurado por Ubiratan D’Ambrósio:

o trabalho de Freire e outros teóricos da educação crítica tem importantes implicações para a etnomatemática e seus fundamentos epistemológicos. Sua implicação é que os indivíduos e as culturas estão localizados no ato de conhecer, em um ato de criação da matemática. Essa posição, naturalmente, contraria os métodos prevaletentes de ensino que tratam a matemática como um corpo de conhecimento pré-existente, dedutivamente descoberto (FRANKENSTEIN; POWELL, 1994, pp. 80, tradução nossa)⁹.

Essa matemática da criação, do corpo, da convivência, da relação com o mundo foi teorizada e sistematizada por Ubiratan D’Ambrósio com o chamado “Programa Etnomatemática” – um programa de pesquisa em história e filosofia da matemática e que inclui os estudos em etnomatemática e suas implicações políticas e pedagógicas. Para Ubiratan D’Ambrósio (2005a, p. 102),

embora este nome sugira ênfase na matemática, ele é um estudo da evolução¹⁰ cultural da humanidade no seu sentido amplo, a partir da dinâmica cultural que se nota nas manifestações matemáticas. Mas que não se confunda com a matemática no sentido acadêmico, estruturada como uma disciplina.

Por sua complexidade e caráter histórico-filosófico, a exemplo do próprio Ubiratan, entendemos o termo “etnomatemática” em uma perspectiva mais ampla, a partir de uma explicação etimológica. Assim, por “*etno*” entendemos os diferentes contextos culturais, linguagens específicas, códigos de comportamento e práticas

8 Tal citação de Paulo Freire encontra-se em seu livro **Pedagogia do Oprimido**.

9 Texto original: “The work of Freire and other critical education theorists has important implications for ethnomathematics and its epistemological underpinnings. A key implication is that individuals and cultures are located in the act of knowing, in the act of creating mathematics. This position, naturally, counterstates prevailing methods of teaching which treat mathematics as a deductively discovered, pre-existing body of knowledge.”

10 Não no sentido biológico, mas da dinâmica das diferenças culturais, a partir das práticas matemáticas.

sociais; por “*mathema*” entendemos explicar, conhecer, lidar com, aprender; e, por fim, entendemos “*thike*” como modos, estilos, artes e técnicas. Sintetizando essas três raízes, temos, portanto, “o conjunto de artes, técnicas de explicar e de entender, de lidar com o ambiente social, cultural e natural, desenvolvido por distintos grupos culturais” (D’Ambrósio, 2008, p. 8)

Em outras palavras, a matemática nesse contexto deve ser vista de outro lugar, entendendo que há uma forma matemática de estar no mundo, que se traduz em narrativas, códigos de comportamento, práticas sociais e simbologias de um dado grupo. Dessa forma, a etnomatemática não pode ser separada da educação, pois significa conhecer e reconhecer o conjunto de técnicas utilizadas por diferentes grupos culturais para explicar e entender o mundo à sua volta.

Nesse sentido, a educação matemática pode ser vista também a partir do caráter pedagógico que constatou Cristiana Tramonte em seu estudo sobre as escolas de samba. Afinal, se “viver em comunidade é o elemento-chave do universo simbólico dos componentes das escolas de samba de Florianópolis” (TRAMONTE, 1996, p. 217), uma matemática construída na prática comunitária certamente se faz presente nas relações que se dão no mundo do samba. Matemática que pode ser vista, ouvida e sentida nas dimensões dos imponentes carros alegóricos, na ritmada batida da bateria, na estética das belíssimas fantasias e em tantas outras manifestações que encantam o olhar e reafirmam a escola de samba como espaço de organização social, resistência e educação.

Em particular, na pesquisa com e no mundo do samba, é possível observar que as/os artistas e trabalhadoras/es do Carnaval compartilham entre si não somente as estratégias de resistência e reinvenção e a vontade de fazer (e vencer) um belo desfile, mas também estratégias que utilizam para criar alegorias, fantasias e adereços para o espetáculo, desenvolvendo técnicas de desenho, costura, otimização de materiais, entre outras. Assim, pesquisar e aprender com quem cria tais artefatos para o desfile, procurando entender o saber/fazer contextualizado nesses grupos, é uma forma de conhecer uma matemática praticada de forma coletiva, construída, ensinada e aprendida no encontro com o outro e com o mundo (do samba).

Quem aceitou nos receber para a aventura de desenvolver uma pesquisa com Carnaval, educação e matemática foram as duas primeiras escolas de samba fundadas na cidade: Os Protegidos da Princesa e Embaixada Copa *Lord*. A entrada nesses espaços, no entanto, não foi imediata, pois minha vivência no Carnaval de Florianópolis se limitava a esporadicamente participar de ensaios como espectadora, assistir aos desfiles e ir a rodas de samba em botecos aleatórios e casas de amigas/os. Essas/es amigas/os acabaram sendo a chave para os dois barracões.

Na Protegidos, o amigo Rico Cardoso – ex-diretor de bateria da agremiação – me apresentou ao então presidente da escola, Caio Xoxó, e à diretora de barracão Patrícia Gomes; no Copa, a amiga Fabiana Duarte – professora, pesquisadora e ritmista – me levou ao barracão para conhecer a diretora Sandra de Maria. Tanto Xoxó e Patrícia, quanto Sandra de Maria foram extremamente solícitos e receptivos, mas, antes desses encontros, muitos foram os telefonemas e mensagens – muitas vezes com pessoas não tão solícitas e receptivas – para que o meu caminho até os barracões fosse traçado.

Quando enfim cheguei ao barracão de carros alegóricos da Protegidos pela primeira vez, Mestre Louro já me deu as boas-vindas à equipe e disse que logo me colocaria para trabalhar com eles. A diretora Patrícia confirmou: “Agora você já sabe o caminho e faz parte da equipe. Pode vir aqui a hora que quiser”. Além de Louro e Patrícia, trabalhavam também no barracão Dona Ângela como cozinheira, Dona Beth como ajudante de Patrícia, Hudson e Anna Paula como aderecistas e Kiki como serralheiro. Mestre Louro, Hudson, Anna Paula e Kiki são do estado do Amazonas e têm experiência tanto no Carnaval de Manaus quanto no Festival Folclórico de Parintins, de modo que vêm a Florianópolis apenas para executar o serviço de construção das alegorias da escola.

No barracão de fantasias do Copa, a costureira Sandra e seu companheiro e ajudante Altair também me receberam de forma bastante entusiasmada e querendo colaborar com o trabalho. No setor de adereços, trabalhavam Dana, Dona Maria, Beth, Natália, Naninha, Thiago e Rajan. Lá, no entanto, nem todas/os foram tão receptivas/os de pronto como a diretora e também aderecista Sandra de Maria, como contarei no parágrafo a seguir.

A sala das/os aderecistas ficava no piso inferior do barracão e tinha – além de uma TV que passava gravações de desfiles de Carnaval do país inteiro durante o dia inteiro – pouquíssimos ventiladores. Fazia muito calor nos primeiros dias que acompanhei o trabalho no barracão; no entanto, eu ficava no piso superior acompanhando a equipe de modelagem e corte, formada por Sandra e Altair, e descia apenas para a hora do café – e mesmo por alguns poucos minutos já era insuportável ficar ali. Nesse segundo piso, havia aparelhos de ar condicionado, mas já na primeira semana eu me sentia parte daquele coletivo e, mesmo que não ficasse submetida àquela temperatura, me sentia também afligida pelo calor e, então, levei um ventilador de casa, para tentar ao menos amenizar a situação. Senti que aquele momento foi a minha entrada na escola. A partir dali, Dona Maria e Dana, que me olhavam meio desconfiadas, viram que podiam confiar em mim e já me chamaram para ir ao ensaio da escola que aconteceria naquela noite. A percepção delas em relação a mim mudara naquele instante – e lidar com esse tipo de situação não poderia ser aprendido em

nenhum manual ou guia teórico para metodologia de pesquisa, muito embora a teoria apresente reflexões sobre como se relacionar e se colocar em participação em campo afeta a pesquisa.

Dessa forma, nos espaços de encontro com as/os componentes das escolas de samba, busquei não me encaixar – nem produzir meios para que me encaixassem – na posição de pesquisadora-intelectual-dona-do-saber, e me instalei nos dois barracões assumindo o papel de trabalhadora voluntária – modo como em geral eu era apresentada quando alguém visitava o barracão. A exemplo da postura de pesquisa proposta por Beatriz D’Ambrósio e Celi Lopes, isso é possível quando questionamos e fugimos de posicionamentos metodológicos rígidos, cujas redes teóricas e metodológicas nos roubam “o prazer de criar e as possibilidades de ousar” (D’AMBRÓSIO; LOPES, 2015, p. 12). Aliás, o samba também ensina isso: ensina a pisar nesse chão devagarinho. No mundo acadêmico, essa postura pode ser chamada de insubordinação criativa; no mundo do samba, isso é viver e aprender com o grupo e com quem chegou antes de você.

FANTASIAS, ALEGORIAS E ADEREÇOS

Ao trazerem o conceito de “insubordinação criativa” para a educação matemática, Beatriz D’Ambrósio e Celi Lopes dão indicações do que consideramos uma boa pesquisa matemática: com as autoras,

podemos refletir sobre o papel do pesquisador que também busca uma produção científica ética e comprometida com a qualidade de vida humana e que, portanto, assumirá um modo de investigar em que considere o respeito aos participantes da pesquisa e/ou aos documentos utilizados na investigação; perceba as delimitações da pesquisa realizada, sabendo que ela não se constitui em uma verdade única; e tenha sensibilidade e responsabilidade na utilização do saber produzido pelo outro. (D’AMBRÓSIO; LOPES, 2015, p. 4).

Para Ubiratan D’Ambrósio, um dos desafios das pesquisas com etnomatemática é justamente pensar em práticas de pesquisa que de alguma maneira dialoguem com a ideia do Programa Etnomatemática, mas que não se limitem às metodologias próprias das pesquisas envolvendo a matemática acadêmica. Para o autor, a etnomatemática “é limitada em técnicas, uma vez que se baseia em fontes restritas. Por outro lado, seu componente criativo é alto, uma vez que é livre de regras formais, obedecendo critérios não relacionados com a situação” (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 34). Assim, Ubiratan defende a criatividade científica como alternativa metodológica, indicando um caminho de pesquisa que consiste em

mergulhar na realidade, numa realidade global que compreende o meio sociocultural e natural, refletindo então sobre essa realidade, e questionando o desafio nela compreendido, e finalmente escolhendo um meio de ação entre várias possibilidades. (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 72).

Dessa forma, em diálogo com essas/es autoras/es, optamos por sustentar a teoria como imanente ao método e constituímos em nossa pesquisa o que chamamos de uma insubordinação criativa teórico-metodológica, entendendo o Programa Etnomatemática de fato como um programa de pesquisa¹¹. Assim, em vez de buscar uma metodologia científica consagrada e encaixá-la magicamente em nosso trabalho, acreditamos que o estudo profundo das artes e técnicas praticadas pelas/os sujeitas/os, bem como de sua realidade próxima, nos possibilita escolher os caminhos de pesquisa que devem ou não ser seguidos.

De fato, para Ubiratan D’Ambrósio (2008, p. 11), “os grandes objetivos do Programa Etnomatemática na Educação são, ao mesmo tempo, práticos e teóricos”. Segundo ele, as pesquisas devem consistir em uma “investigação holística da geração [cognição], organização intelectual [epistemologia] e social [história] e difusão [educação] do conhecimento matemático” (D’AMBRÓSIO, 2008, pp. 14-15) e devem se guiar para responder a três perguntas:

Como práticas ad hoc¹² e soluções de problemas se desenvolvem em métodos?
Como métodos se desenvolvem em teorias?
Como teorias se desenvolvem em invenções científicas?
(D’AMBRÓSIO, 2005, p. 161).

Dessa forma, o que buscamos na pesquisa foi (re)conhecer como o conhecimento matemático é compartilhado entre as/os sujeitas/os responsáveis pela confecção dos artefatos para o desfile de escolas de samba de Florianópolis, através de práticas e resoluções de problemas para essa finalidade, isto é, de métodos desenvolvidos pelas/os sujeitas/os. Para isso, estive junto das/os artistas e trabalhadoras/es dos barracões das escolas de samba Os Protegidos da Princesa e Embaixada Copa *Lord* durante as preparações para o desfile de 2019, ajudando também na confecção dos artefatos. Nesses espaços, foram sujeitas/os da pesquisa as/os trabalhadoras/es responsáveis pela construção e adereçagem dos carros alegóricos da Protegidos da Princesa e as/os trabalhadoras/es responsáveis pela

11 Ubiratan D’Ambrósio entende “Programa de Pesquisa” a partir do sentido apresentado por Imre Lakatos: “programa consiste em regras metodológicas: algumas nos dizem caminhos de pesquisa que devem ser evitados (heurística negativa), outras nos dizem caminhos que devem ser seguidos (heurística positiva)” (LAKATOS, 1978, p. 47, tradução nossa). Texto original: “The programme consists of methodological rules: some tell us what paths of research to avoid (negative heuristic), and others what paths to pursue (positive heuristic)”.

12 Destinadas a finalidade específica.

modelagem, corte, costura e adereçagem das fantasias e adereços da Embaixada *Copa Lord*.

Conforme afirma Ubiratan D’Ambrósio (2008) e reafirma um levantamento bibliográfico realizado durante a realização do trabalho de mestrado, as pesquisas em etnomatemática recorrem a muitos métodos e ferramentas da etnografia, etnologia e antropologia, tais como observação, entrevistas e conversas com as/os participantes. Seguindo esse caminho, nossos procedimentos metodológicos incluíram, além de pesquisa teórica, histórica e documental, um trabalho de campo que teve como foco observar, analisar e descrever criteriosamente e respeitosamente a realidade social das/os componentes, bem como entrevistá-las/os. Desse modo, foram utilizados como recursos metodológicos fotografias e gravações audiovisuais, além de entrevistas semiestruturadas e conversas com as/os participantes.

Ao iniciar o período de observação, ainda carregada de métodos que se encaixam perfeitamente na academia (ou que pelo menos são vendidos dessa forma), carregava comigo um caderno de anotações – indicado em metodologias que incluem trabalho de campo, como etnografia e etnometodologia. No entanto, lá percebi que essa era uma ferramenta que pouco me auxiliava, pois não combinava com a dinâmica daqueles espaços. Muitas coisas aconteciam simultaneamente e, com o tempo e a proximidade criada com as/os componentes das escolas, acabava sendo muito solicitada, o que me fazia estar quase sempre com as mãos ocupadas – fosse segurando uma pistola de cola quente, dobrando tecido ou mesmo tomando café. A pesquisa, assim, me ensinou que a melhor ferramenta metodológica que eu poderia ter era meu celular, com o qual fotografava, fazia anotações e fazia gravações de áudio e de vídeo. Mesmo que alguns manuais de etnografia indiquem que se faça o diário ao fim do dia de observação, por exemplo, mesmo isso se tornava inviável, pois eu só voltava para casa para dormir. Na Figura 1, é possível ver um flagrante da minha participação no barracão da Embaixada *Copa Lord*, registrado pela equipe de jornalismo da ND+ em uma visita ao local.

Figura 1 – Pesquisadora durante os preparativos para o Carnaval no barracão da Embaixada Copa Lord. [modificada para não permitir identificação da autora durante avaliação]



Fonte: Anderson Coelho, repórter ND+. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/carnaval/carnaval-2020/copa-lord-tem-uma-linha-de-producao-para-levar-homenagem-a-padre-vilson-a-avenida/>>

A minha percepção de tempo também precisou ser totalmente desconstruída. Cerca de quatro meses antes do Carnaval, eu já estava completamente angustiada e sem entender por que os trabalhos nos barracões ainda não tinham começado. Um conselho da minha orientadora, no entanto, me confortou: “Se acalma, o tempo da escola de samba é outro! O tempo da academia é outro, o tempo da vida é outro”. E, assim, entendi que quem diz quando a pesquisa tem que ser feita são as/os sujeitas/os – não eu e tampouco o referencial teórico que diz que é preciso ficar muito tempo (acadêmico) em campo.

Cabe dizer ainda que, embora os trâmites legais e éticos prescritos pela universidade sejam necessários e tenham sido seguidos, a verdadeira autorização para a pesquisa se deu de outras formas: através dos encontros, das conversas,

da confiança estabelecida, do afeto (e do ventilador!). A grande maioria nem leu os documentos e decidiu confiar no trabalho que fazíamos – alguns até brincavam dizendo que as assinaturas seriam para passar tudo para meu nome. Da mesma forma, embora eu tenha indicado às/aos participantes que seus nomes seriam preservados, ninguém viu sentido nessa ação e solicitaram que seus nomes fossem sim expostos, desejando inclusive divulgar o belo trabalho que realizavam. Assim, todos os nomes que aparecem, tanto na dissertação, quanto neste texto, são os nomes verdadeiros das/os componentes.

Durante todo o período de confecção dos carros alegóricos para o desfile de 2019 da Protegidos da Princesa, isto é, singelos e intensos 24 dias, estive acompanhando o trabalho das/os artistas – que se iniciou no barracão da escola e foi finalizado no próprio sambódromo de Florianópolis, a Passarela Nego Quirido. Na Embaixada Copa *Lord*, o trabalho de confecção das fantasias e dos adereços durou 32 dias, os quais também acompanhei de dentro do barracão da agremiação e na hora da entrega das fantasias às/aos componentes na Passarela.

Durante o período de imersão nos barracões, era preciso novamente suspender minhas concepções de tempo e aprender a organizar minhas idas a campo para conseguir acompanhar adequadamente o andamento do trabalho nas duas escolas. Por ser um período muito curto e muito intenso, um dia sem visitar o barracão poderia significar uma perda enorme de informação, pois um processo complexo – como decorar as fantasias de uma ala inteira – era facilmente resolvido em menos de 24 horas. Assim, um primeiro arranjo, grosso modo, foi frequentar o barracão da Protegidos pela manhã e o barracão do Copa à tarde. O deslocamento era sempre feito de ônibus e o trajeto era bem rápido e tranquilo, tanto da minha casa para os barracões quanto entre os barracões, e minhas refeições eram feitas nos barracões junto com as/os trabalhadoras/es. Ao longo dos dias de trabalho, a rotina foi se adaptando de acordo com o andamento da produção nos barracões – até o momento em que eu tinha hora para chegar, mas não tinha para sair. Ainda, havia dias em que o trabalho em uma das escolas se interrompia por falta de material, por exemplo, então aproveitava para passar mais tempo na outra.

Por serem as primeiras e maiores da cidade, o misto de fraternidade e rivalidade entre as duas escolas é latente. As/os componentes de ambas sabiam que a pesquisa estava sendo realizada nos dois barracões e apoiavam inclusive que eu deveria desfilar nas duas – o que acabou acontecendo. Ainda assim, as/os trabalhadoras/es da Protegidos passaram a me chamar, carinhosamente, de “espiã”, além de sempre aparecer alguém de uma escola perguntando sobre o andamento dos preparativos da outra. Eu obviamente não trocava nenhuma informação entre as

escolas, o que certamente colaborou para que confiassem em abrir aquele mundo para mim e permitissem que eu fotografasse os projetos e os artefatos em construção.

No período em que acompanhei a preparação para o desfile do Carnaval de 2019 – que compreendeu de meados do mês de janeiro até o dia do desfile, 2 de março –, trabalhei ativamente na construção dos artigos carnavalescos e até na resolução de problemas e criação de algumas estratégias de fabricação. Isso me permitiu observar de dentro, mergulhar na realidade daquele trabalho. A observação, assim, não foi apenas com os olhos e com os ouvidos, mas com todo o corpo, que sentia também o cansaço das noites mal dormidas, o incômodo causado pelo cheiro de cola de contato e a pele queimada com cola quente.

Certa feita, por conta de um grande atraso na entrega de tecidos – que se dava, em parte, pelo atraso na liberação da verba pela Prefeitura e em parte pelo acúmulo de tarefas pelo presidente da agremiação – chegou um momento em que a situação ficou bastante caótica e preocupante no barracão da Embaixada Copa *Lord*. Uma postura de pesquisadora observadora deslocada e distante do objeto de estudo nunca fora nosso propósito e, nesses momentos de conflito na escola, a dimensão da nossa insubordinação criativa teórico-metodológica ficava ainda mais evidente, pois era inconcebível ter sido recebida naquele espaço e não contribuir com o que eles mais precisavam de imediato: mão-de-obra. E assim, quando me dei conta, eu já tinha elaborado uma estratégia para fazer a adereçagem de uma das alas e executei sozinha a finalização das roupas da ala inteira.

O problema surgiu quando era preciso adereçar a fantasia da Ala 9, cujo desenho-modelo (Figura 2) continha uma saia que representava um relógio. A primeira reação da equipe ao se dar conta de que teria que fazer tantos detalhes em tão pouco tempo foi de desespero, pois a máquina de corte não é capaz de cortar peças muito pequenas, que teriam, então, que ser cortadas a mão ou pintadas uma a uma. Para além do tamanho, havia também a dificuldade em modelar e cortar o tecido em formato de algarismos indo-arábicos, que são cheios de curvas e de detalhes.

Figura 2 – Modelo da fantasia da Ala 9 da Copa Lord.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/copalord/photos/a.1537011993100287/1537012149766938>>

Tive então a ideia de utilizarmos retalhos de um tecido mais rígido chamado duplado, que é usado para dar estrutura em algumas fantasias, e que fizéssemos a numeração do relógio em algarismos romanos, de modo que precisaríamos apenas cortar várias tiras e, com elas, ir montando tanto os números quanto as marcações do relógio. A ideia foi prontamente aceita e eu fui imediatamente incumbida pelo coletivo de executar o plano. O resultado foram dois dias inteiros recortando e colando com cola quente as tiras nas 40 saias da ala, lindas saias-relógio (Figura 3) e a sensação de que eu tinha de alguma forma me tornado também sujeita da pesquisa.

Figura 3 – Ala 9 na hora do desfile da Copa Lord.



Fonte: Rony Costa®. Disponível em: <https://www.facebook.com/rony.costa.7921/media_set?set=a.1265494976942314&type=3>

O acontecimento virou caso no barracão e era contado a todos que vinham visitá-lo durante e depois da confecção da ala. Dana dizia orgulhosa que “a gente é muito chique, temos até fantasia com algarismos romanos”. Mesmo após o Carnaval, Sandra de Maria e eu conversávamos sobre o caso e ela me disse – inclusive já me cooptando para o trabalho no barracão no ano seguinte¹³: “Esse negócio de trabalhar em barracão é um vício. É uma coisa impressionante. Como que a gente pode explicar uma pessoa que nunca viu nada disso fazer uma ala inteira?”

Acreditamos que a etnomatemática possa explicar. Afinal, naquele contexto específico, foi preciso desenvolver uma técnica para lidar com um problema imediato, buscando resolver uma demanda própria daquele tipo de atividade. Para Gerdes (1991, p. 46, grifo do autor),

existe matemática ‘escondida’ ou ‘congelada’. O artesão que imita uma técnica de produção conhecida não está, geralmente, a fazer muita

¹³ Sem saber se estava como pesquisadora ou como voluntária, se é que existe essa separação, em 2020 eu estava lá novamente.

matemática. Mas o artesão que descobriu a técnica, fez matemática, desenvolveu matemática, estava a pensar matematicamente.

Quando perguntei à própria Sandra de Maria como ela conseguiu aprender tudo que faz no barracão – que inclui comandar a equipe de fantasias, fazer adereços e confeccionar as fantasias dos casais mirins que também coordena – ela diz que aprende observando quem sabe e repete diversas vezes uma frase que tem muito a dizer sobre os processos educativos naquele lugar: “Se não quer me ensinar, não faz na minha frente”. Assim, observando quem sabe, repetindo, tentando, errando e tentando novamente, conhecimentos (matemáticos) são produzidos e produzem o espetáculo que é o desfile de Carnaval.

Enquanto fazia junto e observava atentamente as ações das/os sujeitas/os, algumas perguntas iniciais guiavam nossas conversas, de modo que eu pudesse compreender melhor as racionalidades acionadas pelas/os trabalhadoras/es, seus processos de geração, organização e difusão, assim como a própria relação delas/es com a cultura das escolas de samba. As perguntas, apresentadas a seguir, foram construídas ao longo do processo de observação, no encontro com as/os sujeitas/os e suas realidades:

- Como você aprendeu a fazer isso?
- Já ensinou alguém a fazer o que você faz?
- Você trabalha com isso há quanto tempo?
- Chegou a fazer algum tipo de formação para realizar este trabalho?
- Você estudou até que ano da escola?
- Gosta/gostava de matemática?
- Como você sabe a quantidade de tempo e de material que vai ser usada?
- Como é seu trabalho/sua vida fora do período de Carnaval?
- Você torce para alguma escola de samba?

A dimensão da observação tomada por nós como escolha metodológica, não por acaso, tomava centralidade nos próprios processos educativos estabelecidos entre as/os trabalhadoras/es e artistas dos barracões, o que ficou evidente em muitas das falas das/os sujeitos, em particular na seguinte conversa com Anna Paula (grifo nosso):

- Como você aprendeu a trabalhar com tecido, costurar e tudo mais? (pesquisadora)
 - Eu acho que foi coisas da gente aprender mesmo da vida, entendeu? Porque essas coisas que eu sei fazer agora foi tudo olhando, direitinho, como se fazia, como se cortava, como faz a metragem, entendeu? Eu aprendi muito com o Hudson! Eu não gostava de Carnaval. Eu gostava mesmo era de dançar, sempre gostei de danças folclóricas: Ciranda, Quadrilha, Boi Bumbá... Eu entrei mesmo pro Carnaval depois que eu conheci o Hudson. Aí também eu sempre fui, como é que se diz? Eu esqueci da palavra... Eu fui muito, eu sempre fui curioso. Então sempre tive curiosidade de aprender esse tipo de coisa.
- [...]

– E você chegou a fazer tipo algum curso, alguma coisa, ou foi aprendendo?
– Eu fui aprendendo, como se diz, na marra né, na tora. Só de olhar assim. E também tem as pessoas que são qualificadas, né. A gente vai olhando, olhando, aí não dá, não demora, a gente tá fazendo. Tudo que ele faz a gente faz. E o Hudson assim também me ensinou muito, que eu aprendi muito com o Hudson.

Assim, aprendemos com as/os próprias/os sujeitas/os, já durante o movimento de pesquisa, que nossa escolha pela técnica da observação fazia sentido de ser aplicada naquele contexto.

Depois de encerrado o período de imersão, ou seja, depois do desfile de Carnaval, todo o material coletado foi reunido e deu origem a um Relato de Campo, contendo fotografias, descrição de situações gravadas em vídeo, descrição dos espaços e das/os sujeitas/os, além de transcrições de conversas gravadas em vídeo e em áudio. Baseado em leituras de trabalhos e na experiência vivida em campo – que vai além do encontro com as/os trabalhadoras/es, mas passa também pelo encontro com os espaços das escolas, com as comunidades onde se inserem e com toda vida que pulsa no mundo do samba – elaboramos um roteiro para entrevista, que fora aplicada meses depois com uma pessoa de cada agremiação, a saber Dana e Hudson, que tinham disponibilidade para responder às perguntas fora do período de Carnaval.

A escolha pelo uso de entrevistas como uma fonte adicional de coleta de dados se deu pelas vantagens apresentadas por Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004, p. 140), quais sejam: i) “favorecer a relação intersubjetiva entre pesquisador e entrevistado”, de modo que se alcance, através de linguagens verbais e não-verbais, uma melhor compreensão dos códigos e significados compartilhados e produzidos pelos sujeitos; e ii) a “flexibilização na condução do processo de pesquisa e na avaliação de seus resultados”, que é possível graças ao fato de que a/o sujeita/o entrevistada/o também é ativa/o no processo de entrevista, legitimando as conclusões das pesquisadoras. Ainda seguindo as orientações de Fraser e Gondim (2004), a entrevista foi do tipo semiestruturada, na qual foi seguido um roteiro com perguntas gerais e tópicos-guia. Para Fraser e Gondim (2004, p. 146),

a associação entre entrevista e observação é bastante útil – e isso pôde de fato ser verificado na nossa pesquisa –, pois ao se propor estudar características culturais de determinada comunidade, o pesquisador pode estar interessado em conhecer as crenças, os valores e as opiniões das pessoas, e, também, em perceber de que modo estes valores e crenças se expressam no cotidiano das pessoas, ou seja, na sua conduta ou comportamento diários, o que torna pertinente associar entrevistas à observação participante.

Por fim, a análise dos dados se deu a partir das relações estabelecidas entre a observação de campo e seus registros, entrevistas e conversas informais com as/

os trabalhadoras/es, bem como de registros audiovisuais e fotográficos da fabricação dos artefatos. Embora a análise tenha se materializado no momento da escrita da dissertação, precisei ficar atenta e em movimento de observação, descrição e análise constante durante os encontros com as/os sujeitas/os e com os espaços, dentro e fora dos barracões.

QUARTA-FEIRA

A pesquisa desenvolvida teve como motivação se aproximar e se atentar para lugares e pessoas com grandes limitações impostas, mas que produzem e compartilham conhecimento (matemático) em suas próprias trajetórias de vida e de trabalho. Muitas dessas limitações acontecem devido ao baixo investimento público em manifestações culturais de matrizes africanas e afro-brasileiras, de modo que alguns governantes, com o apoio de parte da população, restringem os investimentos pautando-se no argumento racista e falacioso de que dinheiro público é para investir em educação – como se investir em Carnaval não fosse investir em educação¹⁴.

Assim, durante a pesquisa, procuramos nos distanciar de critérios rígidos enganosos e nos aproximar daquilo que julgamos, tal qual a epistemologia feminista negra apresentada por Patricia Hill Collins (2019), ser mais confiável que a teoria apresentada no campo da matemática e da educação matemática: a experiência das pessoas – com corpo e com nome – que sabem e fazem matemática. Desse modo, para além do que pesquisamos, nos interessava também com quem, como e por que pesquisamos.

Nessa lógica, na construção da pesquisa, o que buscamos foi apresentar o sentido que demos a narrativas que aconteciam no caminho trilhado junto às/ aos sujeitos. Longe de apontar e legitimar como matemática suas narrativas e códigos, nosso objetivo, de fato, era identificar as práticas etnomatemáticas das/os trabalhadoras/es que construíram a pesquisa conosco. Nosso papel, portanto, era fazer com que as narrativas etnomatemáticas produzidas nos barracões fossem ouvidas, mostrando também como esses conhecimentos nos afetavam. E, ao ouvir as narrativas, aprendemos com as pessoas e com as histórias envolvidas na pesquisa¹⁵.

Para além de conhecer as matemáticas, nos interessamos também em demarcar o caráter político do trabalho e questionamos por que o conhecimento matemático construído nesses espaços não é valorizado como conhecimento científico, atentando para questões raciais e de gênero latentes nas relações com as matemáticas, com as/os sujeitas/os e com os espaços. Consoante ao historiador Luiz

14 Exemplos disso podem ser vistos em (REDAÇÃO ND, 2013) e (El País, 2018).

15 Para saber mais, convido a conhecer a pesquisa completa.

Antônio Simas (2019, s/p), acreditamos que “a grande potência do samba e do carnaval é que eles exacerbam o problema brasileiro”, e, portanto, devem ser entendidos como “elementos que ressaltam as nossas contradições”. Afinal, como parte dela, o mundo do samba traz consigo elementos de uma sociedade que é estruturalmente racista, machista e violenta – e o universo das escolas de samba não teria como ser diferente disso.

Nesse contexto, realizar essa pesquisa com samba, educação, matemática e relações étnico-raciais significou e significa sobretudo fazer uma pesquisa comprometida com a vida e que dá sentido à educação que se constitui para muitos grupos como forma de re-existir, estabelecendo conexões entre mundos que parecem tão distintos, mas aos quais, de alguma forma, eu pertencço. Além disso, o encontro com tais estudos e com o grupo Alteritas possibilitou a constituição da minha própria identidade racial, de modo que hoje me reconheço como uma mulher negra com passabilidade branca.

Nossa forma de pesquisar, assim, foi construir uma relação de entrega e confiança com os espaços de conhecimento que nos acolheram, de aproximação cuidadosa, estabelecendo sobretudo diálogo e troca ao longo da nossa incompleta exploração, como fica evidente na fala de Dana, com a qual finalizo este texto:

– Diante disso tudo, eu não consigo compreender a gente fazer um Carnaval sem utilizar a matemática, não tem como. É, de certa forma eu acho que eu até acabei aprimorando a minha matemática de tanta conta que a gente é obrigada a tá fazendo o tempo todo. Vendo o que vai daqui, o que vai faltar ali, o que vai... Quanto que falta pra cá, quanto que vai faltar pra lá. Então não tem como nós trabalhar dentro do barracão sem utilizar a matemática. Então dessa forma hoje eu percebo que o teu, a tua vinda pra escola também foi extremamente importante, Jéssica, porque a gente começou a perceber o quão fundamental é essa, essa disciplina, né, essa... Essa matéria dentro do nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ataulfo; GESTA, Paulo. Na Cadência do Samba. In: ALBERTO MOTA E SEU CONJUNTO, - **Voa Meu Samba**. London: Polydor Records, 1961.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

D'AMBRÓSIO, Beatriz; LOPES, Celi. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro, v. 29, n. 51, 2015. p. 1-17.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. 2. ed. Campinas: Papirus, [1999] 2001.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1998.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Etnometodologia, Etnomatemática, Transdisciplinaridade: embasamento crítico-filosófico comuns e tendências atuais. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 1, n. 1, 2005. p. 155-167.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, jan./abr. 2005a. p. 99-120.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. O Programa Etnomatemática: uma síntese. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 10, n. 1, jan./jun. 2008. p. 7-16.

DIVAGAR, Eraldo. Devagar, devagarinho. In: VILA, Martinho da. **Tá Delícia, Tá Gostoso**. [S.l.]: Sony Music, 1995.

EL PAÍS. Queda de braço entre Crivella e escolas de samba ameaça o Carnaval 2018 no Rio. **El País**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/cultura/1497557739_810021.html>. Acesso em: 26 ago. 2019.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, 2020. p. 01-24.

FRANKENSTEIN, Marilyn; POWELL, Arthur. Toward Liberatory Mathematics: Paulo Freire's Epistemology and Ethnomathematics. In: LANKSHEAR, C.; MCLAREN, P. L. **The Politics of Liberation: Paths from Freire**. Londres: Routledge, 1994. p. 74-99.

FRASER, Maria; GONDIM, Sonia. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, 2004. p. 139-152.

GERDES, Paulus. **Etnomatemática**: cultura, matemática, educação. Maputo: Instituto Superior Pedagógico, 1991.

LAKATOS, Imre. Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: WORRALL, J.; CURRIE, G. **The Methodology of Scientific Research Programmes**. Cambridge: Cambridge University Press, v. Volume 1: Philosophical Papers, 1978. p. 8-101.

NOGUEIRA, João; PINHEIRO, Paulo César. O poder da criação. In: NOGUEIRA, João; PINHEIRO, P. C. **Parceria**. São Paulo: Gravadora Velas, 1994.

PERNILONGO, Bira. et al. **Emoldurada pelo mar, uma história que me representa** – crônica de uma cidade em transformação. Florianópolis: Os Protegidos da Princesa, 2015.

REDAÇÃO ND. Desfile de Carnaval de Florianópolis é oficialmente cancelado. **ND+**, 16 Janeiro 2013. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/desfile-de-carnaval-de-florianopolis-e-oficialmente-cancelado/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. O Carnaval e o Samba na Cultura Brasileira. **Philos TV** (YouTube), 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/0aJgAortyng>>. Acesso em: 20 mar 2020.

SOUZA, Jéssica Lins de. Ensaio sobre como o samba ajuda a pesquisar com educação matemática. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática – RIPEM**. v. 10, n. 1, p. 158-171, 2020.

SOUZA F., Jéssica Juliane Lins de. **A voz do morro**: narrativas etnomatemáticas produzidas no Carnaval de escolas de samba de Florianópolis. Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2020. Dissertação (Mestrado).

TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

SOBRE A AUTORA

JÉSSICA LINS DE SOUZA. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CAPES-DS. Licenciada em Matemática e Mestre em Educação pela UFSC. Pesquisadora do Grupo Alteritas - Diferença, Arte e Educação.

RECEBIDO: 15/12/2020

APROVADO: 16/01/2021